

Boa Morte e cuidado paliativo: uma análise de conexões entre a música Boa Morte e os conceitos que envolvem o cuidado paliativo hospitalar

Good death and palliative care: an analysis of connections between Boa Morte music and the concepts involving hospital palliative care

Nilton Eliseu Herbes¹⁵⁰

Docente no PPGT da Faculdades EST

Gabriel Lira Barra¹⁵¹

Doutorando no PPGT da Faculdades

Resumo: Este artigo explora a interseção entre a música e os cuidados paliativos hospitalares, focalizando na música "Boa Morte". Inicialmente, destaca-se a presença da morte e da música na vida cotidiana como elementos fundamentais da experiência humana. Em seguida, são apresentadas fundamentações teóricas sobre o papel da música na expressão emocional e no bem-estar. A análise da música "Boa Morte" revela seus aspectos líricos e suas conotações relacionadas à morte, fornecendo insights sobre como a música influencia as percepções e experiências de fim de vida. Os conceitos e princípios dos cuidados paliativos hospitalares são então explorados, destacando sua natureza interdisciplinar e centrada no paciente. O artigo identifica pontos de conexão entre a análise da música e os princípios dos cuidados paliativos, evidenciando como a música pode ser uma forma de cuidado paliativo em si mesma, oferecendo conforto e suporte emocional aos pacientes e familiares. Por fim, as considerações finais enfatizam a importância de

Recebido em: 11 ago. 2025 Aprovado em: 22 set. 2025

¹⁵⁰ Doutor em Teologia (Augustana-Hochschule, Alemanha) e docente no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST. Graduação em Teologia. Email: nherbes@yahoo.com.br

¹⁵¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST, graduado em Teologia. Email: lira.barra@hotmail.com

reconhecer a música como uma ferramenta valiosa nos cuidados paliativos, promovendo uma abordagem mais integrativa e holística para o cuidado dos pacientes em fim de vida. Este estudo visa aumentar a conscientização sobre a interseção entre música e cuidados paliativos, visando aprimorar a prática clínica e a qualidade de vida dos pacientes terminais.

Palavras-chave: Boa Morte. Cuidado Paliativo. Música.

Abstract: This article explores the intersection between music and hospital palliative care, focusing on the song "Boa Morte." Initially, it highlights the presence of death and music in daily life as fundamental elements of the human experience. Theoretical foundations are then presented regarding the role of music in emotional expression and well-being. The analysis of the song "Boa Morte" reveals its lyrical, melodic aspects, and its connotations related to death, providing insights into how music influences perceptions and end-of-life experiences. The concepts and principles of hospital palliative care are then explored, emphasizing their interdisciplinary nature and patient-centered approach. The article identifies points of connection between the analysis of music and the principles of palliative care, demonstrating how music can be a form of palliative care, offering comfort and emotional support to patients and families. Finally, the conclusions emphasize the importance of recognizing music as a valuable tool in palliative care, promoting a more integrative and holistic approach to caring for end-of-life patients. This study aims to increase awareness of the intersection between music and palliative care, aiming to enhance clinical practice and the quality of life of terminal patients.

Keywords: Good Death. Palliative Care. Music.

Introdução

A música está sempre presente nos diversos momentos da vida. Seja celebrando o nascimento, ou nas diversas datas de aniversário durante o decorrer da vida. A música está presente de forma intencional, alegre e característica. Todavia, há um momento em que a música parece escapar e o silêncio é muito mais audível do que qualquer outra nota musical. Mesmo

assim, quando está presente, a música nesses momentos sempre parece estar vestida de outra significância.

O momento de luto tem como música primeira o vazio da quietude. Não há, comumente, canções alegres e nem júbilos entoados nesse instante. Mas há canções que buscam consolar. Canções que desejam repousar sobre esse momento de dor e reflexão um significado maior, transcendente.

A música, portanto, imbrica-se na existência humana como uma massa que sedimenta, alimenta e edifica o viver. Todavia, o que cantar sobre a realidade brasileira? O que entoar a respeito daqueles que lutam diariamente pela sobrevivência? O que vocalizar quando o que se vê é uma morte que insiste em bater à porta e parece fechar o cerco a cada dia que passa? O que tocar quando as notas são ministradas pela chuva forte que arrebenta as telhas de amianto, ou que invadem a porta por meio das enchentes nas enormes comunidades e favelas que se multiplicam como toadas, em território nacional?

São inúmeras perguntas que permaneceriam sem resposta caso não houvesse a música. A canção busca, então, ser esse decifrar da vida comum. É nesse momento de reflexão que se desenvolve o presente texto. Em perceber-se tão frágil diante da vida que se descobre a beleza do cantar-se a morte, ou entoar-se o que se espera, deseja ou como se vive aguardando-a.

Haveria inúmeras canções que poderiam permear as páginas desse artigo e, provavelmente, até nossa própria morte, não conseguiríamos fazer menção a todas as músicas que reclamaram para si essa responsabilidade. Por esse motivo, iremos focar nossa discussão na canção Boa Morte, de Moreira e Sued Nunes. No decorrer desse trabalho ficará claro o porquê da escolha por essa música, ainda que, como dito, tantas outras pudesse ocupar esse lugar em tamanha ou maior relevância.

Não é que o faremos como uma música, mas nosso desejo é que, ao se deparar com esse trabalho, o leitor possa se imaginar lendo uma grande canção, feita com base em duas grandes composições que todo ser humano interpreta, quais sejam, aquela já referenciada, de composição de dois autores e a morte, uma canção cantada inevitavelmente a todos que estão vivos.

O que propomos, portanto, como blocos dessa composição é iniciarmos com uma análise sobre a música que funcionará como base de nossa análise. Seguiremos realizando uma investigação breve sobre a perspectiva dos cuidados antes da morte no contexto brasileiro. Concluiremos observando, então, quais foram os pontos preponderantes do que discutimos e como podemos propor melhores abordagens para o assunto, na atualidade brasileira.

“Cantemos”, então.

1 Fundamentação teórica

Cabe mencionar, antes de tudo, que não trataremos da música sob a ótica da estética musical, aqui. A fim de fornecer a lente correta, para interpretar “de que lugar” escrevemos o presente texto, pontuo que quem o escreve não é músico por formação, apenas um amante da música e um observador do papel que ela tem nos vários momentos da vida cotidiana. Logo, nossa pesquisa se permeia de saber teológico e de um lugar de observação da existência.

O que se observa, no contexto de vida, morte e música é que

A música vai além da representação estética e do fenômeno físico-sonoro; ela carrega consigo a possibilidade de ser símbolo, que, uma vez que incorporada como imagem de representações sociais, consagra a história e a vida de um povo (Lima Monteiro et al, 2022).

É nessa vida, na existência que percebemos a realidade da vivência. É nas conexões que a vida trás, que entendemos o real valor da desconexão que a morte trás. A morte é a desconexão das relações interpessoais neste e com este plano que vivemos. Todavia, como poderíamos entender a vida como esse local teológico de preparação para aquilo que nos aguarda depois?

É aqui que temos a entrada de todo o argumento teológico que permeia a discussão que propomos aqui. É na existência da vida real, que o cuidado pastoral, conceito este que definiremos logo a frente, toma corpo. Nesse contexto,

A fé é uma forma de auxílio, um amparo que oferece conforto, sendo importante suporte. Ela permite uma aproximação com o sagrado que conforta e oferece força para suportar a dor às vezes insuportável da perda de quem amamos. O momento da morte muitas vezes é vivenciado como de intensa necessidade espiritual. Hoje em dia, boa parte dos espaços hospitalares acham-se secularizados. Não cabe neste texto avaliar criticamente essa mudança, mas sinalizar a idéia de que se o paciente expressar a necessidade de vivências espirituais, isso deve ser respeitado pela equipe, pois constitui-se em direito do paciente (Gomes; Ruiz, 2026, p. 48).

O cuidado pastoral é esse elemento de conexão entre a vida e o transcendente, que no presente contexto toma a forma da morte. Mas, se temos a simples e complexa consciência de que, tal qual reflete o salmista “Que homem pode viver e não ver a morte, ou livrar-se do poder da sepultura?”, por que não cuidarmos desse processo? A vida, na realidade é esse processo, que nos conduz impiedosamente até a morte, afinal “se o ser humano está preparado para viver, também deveria estar preparado para morrer. Se durante a vida temos poder sobre as escolhas que tomamos, também o deveríamos ter antes da morte.” (Herbes, Sanchez, 2019, p. 66)

A fim de que seja já posto, cuidado pastoral, que tem como um dos seus braços o aconselhamento, pode ser definido da forma em que

Aconselhamento Pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidarem com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentarem a cura de seu quebrantamento (Clinebell, 2011, p. 25).

Ora, conforme conceituado por Herbes e Sanchez, se esse cuidado pastoral lança mão de uma variedade de métodos de cura, por que a música não pode ser esse mecanismo, ou melhor, essa ferramenta? É o cantar que externa o significado daquilo que se interioriza, da revolta que se tem, da alegria que se alimenta, da indignação que teima em brotar, da voz que, ainda que silenciada pelo Estado opressor e dominante, continua a existir e não deixará de existir, ainda que ela tome forma no último fôlego da vida.

Já que o assunto é música, passemos, então, ao analisar a música que tomamos por fundamento neste trabalho.

2 Boa Morte

A música "Boa Morte", de autoria do renomado compositor Sued Nunes, é uma peça singular que mergulha nas profundezas da condição humana, explorando temas universais como a morte e a transitoriedade da vida. Composta em um estilo poético e introspectivo, a canção convida o ouvinte a refletir sobre os mistérios e as incertezas que cercam a jornada da existência. A letra envolvente e melodia melancólica estabelecem uma atmosfera contemplativa, convidando-nos a explorar o significado da "boa morte" e suas implicações emocionais e filosóficas. Ao analisarmos esta obra, somos levados a uma jornada emocional e intelectual, onde as palavras e os

acordes nos desafiam a confrontar nossas próprias crenças e medos em relação ao inevitável fim da vida.

A música é parte da Trilha Sonora do Filme “Eu Não Ando Só”. Esse filme se desenvolve no gênero de Documentário na cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, bem como as Mães de Santo pertencentes a ela, são as protagonistas. O Filme foi lançado em 2021 e tem a Direção de Glenda Nicácio, estando disponível no GloboPlay¹⁵².

Apontamentos iniciais realizados, vejamos (e ouçamos, caso seja possível ao leitor) a música que nos inspira:

A gente não sabe
Da missa a metade
E o que é que virá por aí...

A gente não tem
Nem mais um vintém,
Nem “sim”

E o que é que a gente vai deixar pra depois?
Que não seja amanhã ou depois
De mil amanhãs,
Milhões de manhãs, Irmãs

Faço preces a Nossa Senhora
Da Boa Morte:

“Dê-me sorte,
Toda força,
Garra,
Toda manha de viver.” (Moreira; Nunes, 2011).

3 Breve Análise

A afirmação que inicia a canção é uma bela nota musical tocada e cantada a nós, todo santo dia. A finitude do homem, sua limitação quanto ao que pode tocar, ao que pode controlar e, mais ainda, sua fragilidade diante do todo é, em si, o grande algoz que nos persegue. Passamos alguns poucos anos

¹⁵² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/eu-nao-ando-so/t/V62jbcJKTp/>. Acesso em: 13 jun. 2024

atrás por uma pandemia que ensinou (ou pelo menos deveria ter ensinado) a todos essa verdade.

É nesse contexto que percebemos que

A pandemia da Covid-19 chamou atenção para a importância dos e das profissionais da saúde e evidenciou a fragilidade do ser humano diante da doença, da necessidade de ser acolhido e de passar pela enfermidade com mais dignidade e conforto. Nesse contexto, destaca-se também a assistência e o cuidado oferecidos por outras áreas, como a psicologia, a assistência social e o apoio espiritual prestado pelas pastorais hospitalares, que se fizeram pertinentes e compuseram equipes multidisciplinares (Herbes; Schultz, 2022, p. 259).

Logo, diante daquilo que Herbes e Schultz expõe, podemos percebemos que o próprio cantar é, em si mesmo, uma possibilidade de assistência multidisciplinar. Quando presente, a música é capaz de ser um remédio. Isso é claro quando vemos os projetos como o Sinfonia da Saúde, um grupo de voluntários da Abrace. A Abrace é uma organização fundada em 1986, com trabalho no Hospital da Criança em Brasília, que tem por intuito o trabalho pela cura e qualidade de vida de pacientes com câncer. Vale a pena ressaltar que todo o trabalho é feito por voluntários com seus instrumentos musicais ou vozes, que esse trabalho é focado em crianças e adolescentes em tratamento e que não é ligado a nenhuma confissão religiosa.¹⁵³

A música é esse lugar de conexão, portanto. Encontro entre músicas e melodias que haveriam de cantar apenas momentos alegres e felizes. Haveria, não fosse a capacidade do ser humano de ressignificar momentos, reinterpretar composições e remodelar sua forma de exercer empatia.

E é na incerteza cantada, ainda na primeira estrofe, que todos aqueles que estão em um cuidado hospitalar se encontram. Aliás, melhor dizendo, esse é um lugar em que todos nós nos encontramos. Na incerteza, no silêncio do amanhã, no hiato quanto ao que virá. O próprio Jesus deixa isso claro afirmindo “Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? [...]” (Bíblia, 2023, Mateus 6.27).

Mais interessante ainda é pensar que, apesar de muitos de nós concordamos completamente com o dito, isso não deixa de nos roubar noites

¹⁵³ Todas as informações da Abrace podem ser acessadas pelo site www.abrace.com.br já as informações da Sinfonia da Saúde, podem ser acessadas pelo perfil do Instagram @sinfoniadasaudeoficial

de sono. Diante das dificuldades e impossibilidades que o amanhã apresenta, diante das contas não pagas, diante das incertezas que o amanhã trará. Imagine só aquelas pessoas que se encontram em um leito de hospital? Ainda que tendo total conhecimento de suas condições a falta de certeza sobre os segundos que se seguem, ou sobre o tratamento que se realiza.

A verdade é que todo ser humano tem por interesse maior não morrer. Não se desprender das relações que construiu aqui. Não renunciar às riquezas que conquistou. Não parecer abandonar a própria existência. E essa preocupação não é nova. Não é de agora, na pós-modernidade, que parecemos ter tantas coisas a fazer, a conquistar e segurar que essa preocupação nos assombra.

Nas listas de reis de Ebla e Ugarit, os nomes de reis falecidos são precedidos por um elemento determinativo divino, indicando que os reis falecidos se tornaram divindades menores ou seres sobrenaturais. A imortalidade era geralmente reservada aos deuses, apesar de que reis ou heróis poderiam, eventualmente, se tornar deuses. A morte seria inevitável para os seres humanos e a existência do espírito após a morte seria mais sombria do que prazerosa (Silva, 2011).

O que fazer diante de tal incerteza é, então, entregar-se a certeza de que se deve viver por inteiro e por completo. Todavia, nesse momento, retornamos à inquietação levantada no princípio: Como dizer cantar e viver por completo, aqueles que parecem apenas sobreviver? A discussão é, deveras complexa e não haveria espaço nesse trabalho para o fazermos e, por esse motivo, partiremos do princípio de que, ainda que as situações socioeconômicas sejam complicadas e complexas, a música encontra espaço para permear a existência de qualquer ser humano, independente de classe, credo, posição política etc.

Partiremos do princípio que

A utilização da música como um recurso terapêutico é uma atividade que acompanha a humanidade em sua história [...] conforme dados antropológicos, as primeiras músicas foram usadas em rituais, como nascimento, casamento, morte, recuperação de doenças e fertilidade. Com o desenvolvimento das sociedades, a música também passou a ser utilizada em louvor a líderes, como a executada nas procissões reais e na Suméria (Araújo et al, 2014).

E mais, quando pensamos na música como esse lugar de terapia

Os estudos mostraram que o cuidado de pessoas com o uso de uma série de terapias aliadas à música ou diretamente através dessa traz como resultados as sensações de prazer, conforto, alegria, segurança, relaxamento, aumento de autoestima, bem-estar, vitalidade, bom humor, paciência, motivação, enfrentamento, apoio psicoemocional, entretenimento e distração provocados pela alteração na percepção do tempo, o que desvia o foco de atenção de problemas relacionados à internação e constrói um ambiente terapêutico favorável. Além disso, proporciona alívio de tensão, agonia e tristeza, redução do estresse (de clientes e das equipes de saúde), diminuição da solidão e diminuição da ansiedade em associação a sentimentos de tranquilidade e paz (Araújo et al, 2014).

É a paz que procuramos. É a paz de encontrar um lugar seguro, ainda que estando em um lugar tão complexo quanto um leito de hospital. A música passa a ser esse remédio que não apenas analgesia a dor, como se propõe a tirá-la, em certas situações. Aqui, é preciso entender que, muitos dos e das pacientes, possuem a plena convicção do que estão passando e sabem que, em determinadas situações, a morte é apenas uma questão de tempo. O que eles e elas esperam, então, é que essa situação seja vivida com, no mínimo, dignidade.

Por fim, o autor da canção trás o elemento que permeia quase todos os casos que envolvem a morte: a fé. A fé é esse chão comum, esse solo pátrio, esse cabo guia, principalmente, em Nações como a do Brasil, que, ainda que reivindique para si a laicidade, é permeada de cruzes, Cristos, fitas, guias e patuás. Aqui, entendemos que

Todas as religiões oferecem às pessoas caminhos semelhantes de salvação nas situações de penúria, sofrimento, bem como ensinamentos para comportar-se de forma correta e responsável nesta vida, a fim de alcançarem uma felicidade duradoura, constante e eterna: a libertação de qualquer sofrimento, culpa e morte (Pessini; Bertachini, 2011, p. 26).

Fazer preces, nesse instante de vida, é como pedir graça para viver esse momento. Pedir, mais do que graça, pedir por força, que muitas vezes nos

faltam, em face a tamanha dor. Mas, por que Nossa Senhora da Boa Morte? Aliás, quem é Nossa Senhora da Boa Morte?

Cabe mencionar que Nossa Senhora

Para os católicos se trata de Maria, mãe do Senhor Jesus Cristo que, ao passar pela morte, teria ascendido ao céu imediatamente, sem passar pela corrupção degenerativa da morte. No século VII, no oriente, chamaram este processo de Dormição da santa e esta tradição se estendeu por toda a Igreja Bizantina (Sobrinho, 2020, p. 60).

Logo, a fé em Nossa Senhora da Boa Morte é a fé em Maria, aquela que, para os católicos, é capaz de interceder pela humanidade diante de Deus. Realizar a prece é, portanto, repousar sobre a fé a confiança de que, a menos, Maria ouve o suplicante em seu momento de dor e penúria.

Isso é corroborado, quando lemos que

O culto a Na. Sra. da Boa Morte relaciona-se com a <<dormição de Maria>>, correspondendo ao momento da passagem do corpo e alma de Maria ao Céu. Na crença da vida eterna, os cristãos, preparando um dos momentos mais importantes das suas vidas – a morte –, apelavam a Maria [...] (Araújo et al, 2014).

Aqui percebemos, mais uma vez, o quanto religião, morte, música, fé e esperança são tramas e fios de uma canção comum a todas as pessoas. A vida, possuindo essa linha tênue, que nos insere nesse momento de passagem, deve ser levada em consideração sobre a ótica da dignidade de todas aquelas pessoas que podem passar por tal momento sendo assistidas por seus familiares e uma equipe multidisciplinar no hospital.

Creemos que foi possível apresentarmos a música que baseia nossa pesquisa e, conceder a ela, embasamentos técnicos que nos conectam ao próximo ponto. O que faremos a partir de agora é uma breve análise do que existe de cuidados paliativos no contexto nacional e como podemos aplicá-los a realidade aqui estudada.

4 Cuidados Paliativos

Destarte, é importante conceituarmos ao leitor os cuidados paliativos, porque dele parte toda a reflexão que faremos a seguir. Logo,

Os cuidados paliativos consistem em uma abordagem que aprimora a qualidade de vida das pessoas e famílias que enfrentam problemas associados a doenças ameaçadoras de vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento, da identificação precoce, da avaliação correta e do tratamento da dor e de outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual (Santos; Mattos, 2011, p. 18).

E aquilo que se percebe, logo de início, é um interesse holístico em todo o trabalho que há de ser realizado. Os cuidados paliativos não consistem em, tão somente, atender as pessoas enfermas em seus últimos momentos. De forma alguma. O que se tem interesse é no processo que envolve qualquer pessoa enferma, seja lá qual for o que lhe acomete e, igualmente, sua família.

O interesse com a família sempre deve ser levado em consideração, afinal,

A literatura recente está repleta de evidências de que estratégias voltadas para os familiares como a melhoria da comunicação, da prevenção de conflitos e do conforto espiritual, para citar algumas, resultam em maiores satisfação e percepção da qualidade da assistência prestada ao paciente na UTI (Soares, 2007, p. 482).

O que se deve entender é que, tudo que envolve o ou a paciente, está disposto como que em um quebra-cabeças, ou, um efeito dominó. Caso uma peça seja montada no lugar errado todo o sistema sofre a consequência disso, assim como, se uma atitude é feita de forma equivocada com um agente desse sistema, todo o resto o sente.

Ainda nesse contexto, o tratamento que é realizado com esses atores e essas atrizes, não é e não pode ser tão somente uni vetorial. Por uni vetorial, entenda-se, uma abordagem focada em apenas uma única direção. Equipes multidisciplinares devem buscar realizar todo o trabalho de conscientização do ou da paciente, igualmente de sua família, sobre o real estado em que se encontra a situação da pessoa enferma.

Ademais, ao entenderem onde realmente se encontram, dentro de um quadro de enfermidade, muda toda a forma com que as situações serão geridas. Por exemplo, pessoas entes próximas e queridas que moram distantes. É diante da informação sobre a complexidade, que elas serão contatadas em caráter, ou não, de urgência. Ainda que saibamos não

possuirmos controle algum do tempo, como já fora dito anteriormente, na análise da música.

E nesse momento, recordamos o conceito que apresentamos da poimênica, elevando o seu papel (não para além das outras áreas, mas para além de si mesma). É nesse instante que o cuidado pastoral encontra seu fim, não no eixo temporal, mas em seu *status* de finalidade. Aquele que acolhe, percebe, abraça, abriga, protege, ainda que não possa livrar (e ressalto poder, pois, fosse essa uma possibilidade, os reais pastores e as pastoras que existem, assim o fariam) percebem que é dividindo com a pessoa enferma e sua família tamanho instante que a fé se corrobora.

A fé é, ou deveria ser, esse elemento de conexão. É na fé que os elos se conectam, ainda que advindos que origens tão heterogêneas. É na fé que encontramos um chão comum. É na esperança que a fé promove, que a pessoa enferma deve ser encontrada e, por sua fé, elevada a conexão de que há paz, ainda que a vida pregressa tenha sido vivida em tamanha ausência dela.

Outro ponto a ser mencionado é a importância de um diálogo interreligioso nesse momento. Quanto a isso, é importante levar em conta que

[...] há nas casas de saúde maior rotatividade, maior diversidade doutrinária e as demandas espirituais se apresentam de forma diferente. Por conta disso, clareza no objetivo de prestar apoio e suporte espiritual sem imposição de uma verdade absoluta, capacidade de diálogo com o diferente, observância da postura da pessoa agente ao acolher as pessoas e celebrar ritos é essencial (Herbes, Schultz, 2022, p. 268).

Esse tipo de trabalho, por sua vez, somente poderá ser realizado por uma equipe preparada e consciente de seus direitos e deveres. Conforme Herbes e Schultz afirmam: “torna-se pertinente concluir que a capelania ou pastoral hospitalar é uma atividade que demanda formação específica e sensibilização coletiva das instituições de saúde para que a sua atuação obtenha êxito” (Herbes, Schultz, 2022, p. 275).

E, o dever daquele que exerce esse papel encontra o direito da pessoa enferma e de sua família, preconizado no artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal, que prevê sobre a laicidade do Estado brasileiro. Uma equipe, ou, um ou uma agende mal preparada, é capaz de tornar qualquer momento de dor, mais dolorido, sofrido e traumático do que seria.

Por isso, é considerável, também, recordarmos a necessidade de formação daquelas pessoas que atuam nas frentes pastorais, poimênicas e/ou

de capelarias nos diversos hospitais, centros ou casas de recuperações, clínicas etc. A formação técnica desses profissionais serve como uma ferramenta a fim de conscientizá-las de seu papel, frente a tal realidade.

Tudo isso que está sendo ressaltado, nada mais é do que o recordar de um ponto dito anteriormente: a dignidade. Tal qual Jesus Cristo, ao ser perguntado sobre a Lei, responde que a segunda maior é amar ao próximo como a si mesmo e conclui dizendo que nisso se resume a Lei e os Profetas (Bíblia, 2023, Mateus 22.43s), é observando atentamente a dignidade da outra pessoa que qualquer agente, se pautado nela sua atitude, estará coberto.

A pastoral se faz valer de uma das máximas da música, que é igualar os seres humanos. Ao ouvir uma canção, ao dançar uma música não há cor, credo, religião, cultura e demais pontos de separação. Ao visitar uma pessoa enferma em sua necessidade, ao atender e atentar para a família desse ou dessa paciente, também não deveria haver pontos que nos separassem daquela pessoa que tanto necessita o cuidado e amor. Pelo contrário o que se deve ter é a

A hospitalidade, estritamente ligada aos valores cristãos, é o elemento que pauta a capelania hospitalar em sua ação de ir ao encontro das pessoas e acolhê-las, isto é, dar o espaço para que haja relação entre as diferenças e estabelecer um laço de confiança em que não haja espaço para o proselitismo (Herbes, Schultz, 2022, p. 271).

Como dito anteriormente, estamos conscientes que haveria muito mais a ser dito a respeito do assunto, mas acreditamos que aquilo que aqui foi levantado já suscita o que desejamos para “a próxima estrofe” desse trabalho. Cantamos a respeito da música e, agora, a respeito do cuidado paliativo. O que desejamos agora é fazer a ponte. Vamos analisar como os conceitos apresentados nos dois pontos, podem ser conectar sobre essa ótica de música, religião e cuidado hospitalar.

Vejamos.

5 Pontos de Contato

A realidade é que haveria inúmeros assuntos passíveis de serem analisados como pontos de contato entre o cuidado paliativo e a canção Boa Morte. Não há em nós a expectativa de esgotá-los, até mesmo por sabermos ser isso impossível. Todavia, apresentaremos aqui alguns dos que saltam, para

que os leitores e as leitoras possam analisar, conjecturar, julgar e, caso estejam de acordo, aplicar às suas realidades, dentro das respectivas possibilidades.

Iniciamos com aquilo que Torres apresenta de argumento, ao tratar a música em contato com as práticas religiosas, demonstrando que esse primeiro em grande quantidade de vezes, acompanha a realização da segunda (Torres, 2004). É possível que o leitor tenha um estranhamento ao ler o que foi proposto. Por quê? Porque estamos falando sobre cuidados paliativos e aquilo que é argumentado é sobre práticas religiosas.

Todavia, diante de tudo que já foi argumentado e construído, no contexto de conceitos, podemos perceber o quanto religião, cuidado pastoral e cuidados paliativos se misturam tornando-se quase um. Ainda que, conforme também já mencionado, a religião aqui esteja muito mais repousada sobre o conceito de religiosidade.¹⁵⁴

O que desejamos tratar aqui, é que precisamos entender que por detrás de toda e qualquer pessoa enferma em um leito, existe uma biografia. Que, conforme a música ressalta, não sabemos da missa a metade, mas ainda assim, fazemos preces para enfrentar os grandes momentos de dor em paz.

Não é sobre tratar de situações sob a ótica dos números, tão importantes para a cultura capitalista do século XXI. É sobre entender que

No conceito “pessoa”, está implícito não apenas sua condição biológica de vida, porém, igualmente, sua condição biográfica.

Não é unicamente o corpo humano, enquanto categoria física, todavia o ser, enquanto realidade bio-psico-sócio-espiritual que transparece neste conceito (Hoepfner, 2008, p. 82).

É nesse lugar de encontro, de conexão entre todas as pessoas que estão envolvidas no processo, que o amor encontra descanso e solo para germinar. E, no amor expresso a quem necessita, seja a pessoa enferma que sofre nesse momento, seja sua família vendo a iminente partida de uma ente querida, seja, até mesmo a equipe médica percebendo sua incapacidade diante da implacável morte, que o pedido por sorte, força, garra e manha de viver torna-se mais claro de ser recebido.

O clamar por Maria, aqui figurado por Nossa Senhor da Boa Morte, é o clamar por uma serenidade diante do que se passa. A incapacidade de se

¹⁵⁴ Na diferenciação o que desejamos propor é esse desejo por um significado maior, por uma esperança de uma fé que conecta aquele que cuida do doente e do enfermo com a pessoa enferma e sua família, ainda que os e as agentes dessa trama sejam de confissões religiosas distintas.

saber o que virá é amenizada por entender que há uma família, em primeiro lugar, mas na ausência dessa, ao menos, uma equipe bem-preparada para guiar a pessoa enferma nessa passagem.

É claro que não é tão simples quanto parece. É evidente que os casos devem ser analisados pontualmente. Entretanto, diante de todo o exposto, não há como não concluir as conexões existentes, e, mais do que isso, a necessidade de que a música e os cuidados paliativos estejam conectados um ao outro, a fim de construir mais uma ferramenta para essa multidisciplinaridade existente. Não é sobre tentar criar outra solução. O que estamos propondo é chamar atenção para uma solução já existente. A música está presente no dia a dia de todas as pessoas, até mesmo para aquelas que não são ouvintes assíduas. A morte, mais do que qualquer outra coisa. É possível, então, unir as duas para nos lembrarmos sempre daquilo que não podemos esquecer: a vida é um sopro (Bíblia, 2023. Jó 7.7).

Considerações finais

Nosso desejo é, diante da quantidade existente, desenvolver literatura que aborde o cuidado paliativo e música, sobre a ótica do cuidado pastoral, trazida neste texto. A música Boa Morte é uma canção que parece ter por interesse causar em nós essa percepção de nossa brevidade diante da vida. A Morte, por sua vez, é esse terrível algoz que nos recorda, diariamente, sua presença e sentença a todos aqueles que estão vivos.

Logo, nosso objetivo foi desenvolver uma pesquisa que busque unir as duas questões. Analisar, primeiramente, as reflexões que a música nos traz é um esforço de olhar para dentro. Perceber o que se pode entender e como se compreender diante de tudo que circunda o ser humano comum. Após isso, analisar os cuidados paliativos e seus conceitos é buscar assimilar como é possível realizar um trabalho comprometido, específico, especializado, técnico, amoroso, dedicado e, sobretudo, interdisciplinar, com o enfermo e todo o contexto que o circunda, desde seus familiares, até suas crenças, crises, medos, desejos etc.

Por fim, aquilo que se propõe nesse trabalho é que a vida seja leve, tal qual pode ser, mas que a morte também o seja. Rodeada de som, de canto, de alegria ainda que ausente de gargalhadas. Que a música ocupe esse lugar de elemento de conexão entre realidades. A primeira – a vida – a que todos vivemos e a segunda – a morte – aquela que apenas aqueles que realizaram essa passagem conhecem.

Da primeira, dizemos, discorremos, estudamos, argumentamos e, como foi o desejo desse trabalho, criamos conhecimento para que seja melhorado.

Sobre a segunda, nada podemos falar, mas, para ela é possível nos preparamos. E se é possível, então que seja cantando. Que o dia em que esse fatídico momento nos ocorra, que ele nos encontre cantando, batucando, louvando ou entoando canções. As mais alegres, divertidas, sorridentes, reflexivas e relevantes possíveis. E que, de preferência, essas canções possam estar cantando dos amores e vidas que tivemos.

Que a nossa vida seja linda e leve, como pode e deve ser. Mas que todos, literalmente todos, possamos ter uma Boa Morte.

Referências

ARAÚJO, T. C.; PEREIRA, A.; SAMPAIO, E. e S.; ARAÚJO, M. S. S. USO DA Música nos diversos cenários do cuidado: revisão integrativa. Revista Baiana de Enfermagem, [S. l.], v. 28, n. 1, 2014. DOI: 10.18471/rbe.v28i1.6967. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6967>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BÍBLIA DE ESTUDO THOMAS NELSON. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

CLINEBELL, Howard J. Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. 5. ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2011.

GOMES, A. M. A.; RUIZ, Erasmo Miessa. Vida e morte no Cotidiano. Reflexões com o Profissional da Saúde. Fortaleza: EdUece, 2006.

HERBES, Nilton Eliseu; SANCHEZ, Clarissa Peres. Aconselhamento Pastoral Hospitalar e Testamento Vital. REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, v. 13, n. 21, p. 65-85, 2019.

HERBES, Nilton Eliseu; SCHULTZ, Ingrid Smarzaro Rodrigues. Os elementos básicos da atuação em Capelarias/Pastoriais hospitalares. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo: EST, v. 62, n. 02, p. 259-276, 2022.

HOEPFNER, Daniel. Fundamentos bíblico-teológicos da capelania hospitalar: uma contribuição para o cuidado integral da pessoa. 2008. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

LIMA MONTEIRO, M. H. de; CASADO FREIRES DA SILVA, J. E.; NUNES, E. M.; AGRA, A. Café com morte: conversas sobre terminalidade, morte e luto. Caderno Impacto em Extensão. Campina Grande, v. 2, n. 1, 2022. Disponível

em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/159>.
Acesso em: 18 abr. 2024.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana. Espiritualidade e cuidados paliativos. In: MORITIZ, Raquel Duarte (Org.). Conflitos Bióticos do viver e do morrer. Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina, 2011.

SANTOS, Cledy Eliana dos; MATTOS, Luiz Felipe Cunha. Os cuidados paliativos e a medicina de família e comunidade, In: SANTOS, Franklin Santana [editor]. Cuidados paliativos: diretrizes, humanização e alívio dos sintomas. São Paulo: Atheneu, 2011.

SILVA, Christiane Tavares Ferreira da. A serpente na narrativa de Gênesis 3: interpretações e tradições judaicas na Antiguidade. 2021. Dissertação (Mestrado) □ Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-13072021-182315/pt-br.php>>. Acesso em: 15 out. 2022.

SOARES, Márcio. Cuidando da família de pacientes em situação de terminalidade internados na unidade de terapia intensiva. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, v. 19, p. 481-484, 2007.

SOBRINHO, Esmeraldo Alves dos Santos. Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira: a celebração da vida. Dissertação de Mestrado, Unida de Vitória, ES, 2020. p. 60. Disponível em: <http://bdtd.fuv.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/352/1/TCC%20-%20Esmeraldo%20Alves%20Sobrinho.pdf> Acesso em: 29 abr. 2024.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Entrelaçamentos de lembranças musicais e religiosidade: “quando soube que cantar era rezar duas vezes...”. Revista da ABEM, [S. l.], v. 12, n. 11, 2004. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/348>. Acesso em: 1 maio. 2024.